



A SOMBRA DA MÃE

Conto popular russo

(Traducção do francez)

N'uma aldeia vivia um marido com a sua mulher, tranquillos, amorosa e felizmente. Todos tinham injeja da sua felicidade.

A mulher teve um filho mas n'esse mesmo dia morreu. O pobre moujik (Aldeão russo) lamentava-se porque o que mais o affligia era o seu baby. O que heide eu fazer, para o sustentar? Como educal-o sem a mãe? Fez o que se poderia fazer n'estas circumstancias e tomou uma velha para cuidar d'elle. Mas acontecia uma cousa maravilhosa! Durante todo o dia o baby não tomava nenhum alimento, e não fazia senão chorar, não havia meio de o fazer çallar, mas podia-se julgar que elle não existia durante a noite, tão tranquillo e descançadamente elle dormia. O que significa isto, disse a velha lá para sil

Hei de ficar acordada esta noite portanto hei de descobrir o motivo. A' meia noite viu abrir-se a porta e alguem approximar-se do berço. A creança ficou quieta e parecia mamar, na segunda e terceira noite o mesmo. Então a velha contou ao moujik o que se passava. Este chamou a familia, e teve conselho com ella. Concordaram em que se devia vigiar durante a noite quem era a pessoa que vinha dar de mamar á creança. Deitaram-se no chão e proximo esconderam um pote com luz.

A' meia noite abriu-se a porta da cabana.

Alguem avançava até ao berço, um dos parentes tirou a luz para fóra. Todos olharam e viram a sombra da mãe, coberta com o mesmo fato com que tinha sido enterrada, de joelhos com o peito descoberto, e debruçada em cima do berço como se desse de mamar ao filho.

Assim que tiraram a luz do pote e que allumiou toda a cabana, viram que ella se levantava, sorriu tristemente para o filho, sahio da cabana sem fazer barulho e sem pronunciar uma palavra.

Todos os que estavam presentes ficaram cheios de terror, e quando foram ao berço encontraram a creança morta!

Ivam Salowichoff

OS CINCO SENTIDOS

(Canção popular de Traz-os-Montes)

Eu subi á oliveira
Cinco folhas lhe colhi,
Eram os cinco sentidos
Que eu tinha posto em ti.

O primeiro, que é ver
A cousa que eu mais desejo:
Quando chego á janella
Sempre cuido que te vejo.

O segundo que é ouvir,
Eu de ti não ouço nada,
Nem eu mesmo consentia
Ouvir mal da minha amada!

O terceiro, que é cheirar
Um raminho de alecrim,
Só te peço meu amor,
Que te não esqueças de mim.

O quarto, esse... é gostar,
Mas que gosto eu posso ter?
Estar auzente de ti...
Mais me valia morrer!...

O quinto, que é apalpar
O teu corpo dedicado,
Já o cá tenho na mão,
Bem caro me tem custado!...

Miscelanea Folk-lorica

(Continuado do n.º 8 do 7.º anno)

Muitos cães entram no moinho, mal pelo que acharem dentro.

Cão que lobos mata, lobos o matam.

Dois lobos a um cão bem o comerão.

Quarto de cão preso e de moço gallego.

Ao cão e ao palreiro deixa-os ao sendeiro.

O cão velho quando ladra dá conselho.»

E basta... por hoje.

—Nada com'ó peixe na agua.

—Para baixo todos os santos ajudam.

—Quem cedo vae, cedo vem.

—Cedo venha quem nos mantenha.

—Arrenegam-se as comadres, descobrem-se as verdades.

—Toma lá tomates,

toma lá pepinos,

toma la semente

de fazer meninos.

—Peccado é mijar no adro, que na igreja quem quer meja.

—O que digo bem n'ó digo,

mas s'elle é como eu digo,

mas s'eu digo como é

o que eu digo assim é.

—Doutor de meia tigella

—Meja na cama, caga no lar, quando lho disse poz-se a chorar.

—Bem te conheço, sou de Carreço.

—Casa que não é ralhada, não è governada.

—O nascimento e a mortalha,

nem se faz nem se talha.

—Engana meninos

mama-lhe o pão.

—Antes morte dô que má sorte.

—O senhor nos livre de maos visinhos da porta.

—Falla que mem um papagaio.
 —Quem dá dinheiro aos santos,
 acha-o pelos cantos.
 —Dominus voviscum = aqui está
 Francisco, que se perdeu na palha e
 achou-se no cisco.
 —Quem com as mãos não pode,
 com os dentes acode.
 —Fiar em Deus que é santo velho.
 —Fiar, fiam as mulheres na roca.
 —Quem come fiado, caga massa-
 rocas.
 —Não tem arte nem parte.
 —Tenho dito,
 ou casar ou dar o p.
 —Vacca—gallo—arroz.
 —Arroz no testro que o prato que-
 brou.
 —Xissa penico.
 —Arreda pispote.
 —Xissa cão, que te fede a mão.
 —Não tem vista, nem crista, nem
 coisa que lhe assista.
 —Que diz, quem tem cara tem na-
 riz,
 —E' verdade é verdelho,
 carrapato, percevelho.
 —E' verdade é verdelho,
 quem tem p. tem pentelho.
 —Tem muita resina,
 á noite bei de lhe dar um chà de ourina.
 —Toca bem a bizileta (significa be-
 ber qualquer liquido).
 —Se fosse doce comia-nos nós am-
 bos, mas como é m. come tú só.
 —Não ha cego que se veja,
 nem tolo que se conheça.
 —Mais vale andar só,
 do que mal acompanhado.
 —Ninguem faça mal,
 que lhe succeda bem.
 —Quem com ferros mata;
 com ferros morre.
 —Ninguem imagina que é pobre,
 senão depois que o diabo lh'o come.
 —Ajudai moças a este serviço,
 a botar o ruço detraz do cortiço.

—Ajudai moças a este trabalho,
 a botar o preto detraz do burralho.
 —Quem não tem habilidade,
 morre como a aranha. (Marinhas)
 —Quem não tem habilidade,
 morre como o carrapato na lama.
 —Era tempo que corria atraz de
 foguetes, hoje só ás bombas.
 —1-2-3-passa o inglez,
 pela barra de Vianna,
 uma gata castelhana,
 repim-pim, repim-pim,
 aqui passa o trimbolim.
 —Quem torto nasce,
 tarde ou nunca se indireita
 —Quem morreu?
 foi quem pão comeu.
 —Quem nasce para 5,
 não chega a 10.
 —Agora meu amigo, contas na
 mão, e borracha à cinta.
 —Eu de meias d'algodão,
 só de pares tenho dez.
 —Fugide gaivotas,
 que ahi vem o diabo de botas.
 —Mais depressa se pilha um men-
 tiroso, do que um cocho.
 —Quem melhor as espera,
 melhor lh'as dá Deus.
 —Foste por burro,
 e vieste por albarda.
 —Murro velho n'elle.
 —Murro bravo.
 —Quando a mulher chora,
 ri-se o diabo.
 —Pensamento de mulher,
 pensamento do diabo.
 —A mulher é mais fina que o dia-
 bo.
 Martim Mendes colleccionou assim
 as maximas que dizem respeito ás mulhe-
 res, as quaes passamos a transcrever a-
 qui. Eilas:

Maximas das mulheres.

«Mulher velha desdentada
 Dá sempre muita risada.

Mulher de mantilha preta
 Nunca tem boa carêta.
 Mulher que não perde festa
 É tola, pr'a pouco presta.
 Mulher que só lê novella
 Muito cuidado com ella!
 Mulher de muita gordura
 Traz perfume com fartura.
 Mulher muito tagarella
 Não se dá nada por ella.
 Mulher que tem pé pequeno
 Tem sempre genio sereno.
 Mulher de nariz torcido
 Prêga logro ao marido.
 Entre marido e mulher
 Não mettas a tua colbêr.
 Se não houvessem alcoviteiras
 Não haviam más mulheres.
 Antes velha com dinheiro
 Do que moça sem cabello.
 Pelos maridos somos rainhas,
 Pelos maridos somos mesquinhas,
 Mulher doente
 Mulher para sempre.
 Quem tem mulher
 Tem o que ha mister.
 Mulher parida,
 Nem farta nem limpa.
 Mulher que foi
 Carvalho que hade ser
 Nem de longe se poder ver.»

—Fui ao Porto,
 acaballo n'um burro morto (cf. Leite de
 Vasconcellos, dic. top. de Port. de 1882).
 —Perdido, porque te perdes.
 —Está como o *billão* em casa de
 seu sogro.
 —Com homem perdido ninguem se
 metta.
 —Quem bôa cama fizer n'ella se
 deitará.
 —Balha-te Deus de dia,
 e de noute um burro t'azoute.
 —Diabo leve é de palha,
 n'esse burro quem quer malha.
 —Deus desavenha

quem nos mantenha,
 a vós pela cr. . . .
 a nós pela grenha.
 —O diabo é malhado,
 entra pela porta e sae pelo telhado.
 —Pelo mar anda,
 quem para nós ganha.
 —Atraz de tempo,
 tempo vem.
 —Quatro e 5 são nove,
 quem te fez não ficou pobre.
 —Braga, fia na roca.
 —E's de Braga, que deixas a porta
 aberta.
 —Bons dias tio Pedro.
 —Bons dias nos dê Deus.
 —As mulheres são como as gali-
 nhas, á noite se arrecolhem ao poleiro.
 —Que se faz?
 Pão grande para se vender depressa.

(Continúa)

José da Silva Vieira.



Distincção dos dias pelas côres

Os gregos e os romanos distinguiam
 os dias da semana pelas côres.

O *amarello* era a côr do domingo

O *branco* para a segunda feira.

O *roxo* para a terça.

O *azul* para a quarta.

O *preto* para a quinta.

O *verde* para a sexta.

E o *encarnado* era destinado pa-
 ra o sabbado.

(Do n.º 9 da *Gazeta de Famali-
 cção* de 28 de maio de 1891.)

Se esta rua em que tu moras,
 Minha fosse ainda algum dia,
 Mandava arrancar-lhe as pedras,
 De beijos a calçaria.

Cantos andaluzes.